



PBPC

ISSN 2674-9432



Qualis A3
CAPES 2021-2024



DOI - Crossref

Latindex

Indexado no
Google Acadêmico

A FORMAÇÃO DO LEITOR NA ERA DIGITAL: INTEGRAÇÕES NECESSÁRIAS ENTRE ESCOLA E FAMÍLIA

Cleoni Maria Schabarum Cassol, Elisandra Santos Mendes Garcia



<https://doi.org/10.36557/2674-9432.2026v5n1p219-241>

Artigo recebido em 16 de Novembro e publicado em 16 de Janeiro de 2026

ARTIGO ORIGINAL

RESUMO

Este artigo analisa os desafios e possibilidades da formação do leitor na era digital, com ênfase na necessidade de integração entre escola e família. Por meio de uma revisão integrativa da literatura, discute-se como as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) transformam as práticas leitoras e como a mediação pedagógica e familiar contribui para o desenvolvimento da competência leitora. O objetivo é compreender de que modo a cooperação entre escola e família pode potencializar a formação de leitores críticos e autônomos, capazes de atuar de forma reflexiva no ambiente digital. Os resultados evidenciam que a mediação intencional, o diálogo entre os espaços educativos e a formação docente continuada são fatores decisivos para consolidar uma cultura leitora na contemporaneidade. Conclui-se que a articulação entre escola e família amplia o alcance das práticas de leitura, promovendo um aprendizado mais significativo e uma participação cidadã mais consciente.

Palavras-chave: Leitura, Formação Continuada, Família, TICs.



Reader education in the digital age: necessary integration between school and family

ABSTRACT

This article analyzes the challenges and possibilities of reader education in the digital age, with an emphasis on the need for integration between school and family. Through an integrative review of the literature, it discusses how Information and Communication Technologies (ICTs) transform reading practices and how pedagogical and family mediation contributes to the development of reading skills. The objective is to understand how cooperation between school and family can enhance the development of critical and autonomous readers, capable of acting reflectively in the digital environment. The results show that intentional mediation, dialogue between educational spaces, and continuing teacher training are decisive factors in consolidating a reading culture in contemporary times. It is concluded that coordination between school and family broadens the scope of reading practices, promoting more meaningful learning and more conscious citizen participation.

Keywords: reading, continuing education, family, ICTs.

Instituição afiliada – UNIVERSITY UninQ

Autorcorrespondente: *Cleoni Maria Schabarum Cassol*

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).





1 INTRODUÇÃO

Com o avanço e a ampla disseminação das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), os modos de leitura, interpretação e interação com os textos passaram por mudanças significativas. No contexto digital, a leitura deixou de ser um processo linear para se tornar fragmentado e multimodal, incorporando diversas linguagens, como imagens, sons, vídeos e hiperlinks, exigindo que o leitor seja capaz de transitar entre diferentes formatos e plataformas ao mesmo tempo. Segundo Moran (2015) a partir dessa nova realidade, surgem demandas por competências específicas, como o letramento digital, que envolve não somente a leitura, mas também a interpretação crítica e a construção de sentido em diferentes ambientes de aprendizagem.

A escola se vê diante de um grande desafio: repensar suas práticas pedagógicas para acompanhar as novas demandas culturais e cognitivas. É fundamental que os educadores criem ambientes de aprendizagem que integrem as tecnologias de forma crítica e consciente, promovendo a autonomia dos leitores, a capacidade de analisar informações e o desenvolvimento do pensamento crítico frente ao excesso de dados que nos cerca. Para isso, é preciso que o espaço escolar vá além da transmissão de conhecimento, assumindo um papel de mediador, que valorize a variedade de formatos textuais e incentive os estudantes a interajam ativamente com diferentes linguagens.

Paralelamente, é crucial que a família se veja como agente fundamental e ativo na jornada de formação do leitor, reconhecendo que o ato de ler transcende os muros da escola, sendo também uma prática social que deve ser estimulada em casa. A família constitui o primeiro palco de socialização da criança, onde os valores culturais e os hábitos de leitura são experienciados, divididos e ressignificados. De acordo com Soares (2003), promover a leitura guiada pela família permite ampliar as capacidades leitoras e a paixão pelos livros.

Essa parceria amplia o repertório cultural dos estudantes, fortalece os processos de aprendizagem fora do ambiente escolar e contribui para a formação de leitores críticos, autônomos e preparados para lidar de forma ética e reflexiva com os desafios do mundo digital. Essa integração, no entanto, demanda o reconhecimento



das particularidades de cada contexto e a criação conjunta de estratégias que valorizem a leitura, incentivem mediações significativas e promovam o desenvolvimento de competências que vão além da simples decodificação de palavras.

O objetivo deste artigo é analisar de que modo as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) influenciam a formação de leitores no Ensino Fundamental e como a cooperação entre escola e família pode potencializar o desenvolvimento da competência leitora. A ideia central é realçar de que maneira a parceria entre a instituição escolar e a família pode ser crucial para impulsionar o aprimoramento da habilidade de leitura dos estudantes. A abordagem considera a leitura como um hábito social e cultural que está sempre se reinventando, recebendo um forte estímulo por meio das tecnologias. Além disso, ressalta a relevância de intervenções bem planejadas, capazes de assegurar um aprendizado que faça sentido, esteja conectado com a realidade e corresponda às demandas da contemporaneidade.

2. METODOLOGIA

Este estudo adota uma revisão integrativa da literatura, guiada por uma abordagem qualitativa e exploratória, com o propósito de reunir, analisar e interpretar criticamente conceitos sobre a formação do leitor na era digital, as mediações exercidas pela família e pela escola. Tal escolha metodológica fornece um referencial consolidado para compreender a complexidade do fenômeno, uma vez que a revisão integrativa, conforme sistematizada por Mendes; Silveira; Galvão, (2008), possibilita integrar diferentes tipos de fundamentação teórica, empírica e documental. Propiciando uma compreensão abrangente, comparativa e aprofundada das dinâmicas socioculturais que configuram e intensificam o ato de ler.

Para a formação da pesquisa, foram selecionadas fontes bibliográficas e normativas, incluindo artigos científicos, dissertações, teses e documentos oficiais essenciais para a compreensão das políticas educacionais brasileiras, tais como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) e o Plano Nacional de Educação (PNE). Essa diversidade de materiais assegurou uma base analítica sólida, permitindo relacionar práticas pedagógicas, diretrizes institucionais e evidências científicas referentes à leitura digital e às mediações educativas



contemporâneas.

As buscas foram realizadas de abril a dezembro de 2023 em bases: SciELO, Google Acadêmico, BDTD e Portal de Periódicos da Capes, por meio de descritores criteriosamente escolhidos para garantir alinhamento temático: “leitura”, “formação contínua”, “TICs” e “família”. Essa estratégia de busca permitiu identificar estudos que abordam de forma integrada, aspectos tecnológicos, socioculturais e pedagógicos da formação leitora em ambientes híbridos.

A revisão preliminar revelou três núcleos conceituais indispensáveis para a compreensão do tema: a mediação pedagógica ampliada pelo uso das tecnologias; a família como agente estruturante da formação leitora; e os desafios emergentes da leitura digital no contexto contemporâneo. A fim de garantir rigor metodológico, foram estabelecidos critérios de inclusão e exclusão que orientaram todo o processo de seleção dos estudos.

O levantamento sistemático considerou 78 publicações relevantes, produzidas entre 2000 e 2024, relacionadas à leitura em contextos digitais, ao papel formativo da família e à mediação docente em ambientes híbridos de aprendizagem. A etapa final da triagem resultou na inserção de 27 estudos selecionados que apresentaram discussões referentes:

- A leitura digital envolvendo práticas multimodais, competências digitais e navegação em ambientes hipertextuais.
- Análises sobre o papel da família, considerando o incentivo/ orientação, o monitoramento dos ambientes literários e digitais frequentados pelos filhos.
- Debates sobre formação continuada docente, com foco em mediação pedagógica em ambientes digitais e metodologias diversificadas de leitura.
- Reflexões sobre currículos, especialmente aqueles que defendem abordagens flexíveis e integradoras de práticas de leitura múltiplas.
- Consistência metodológica, com apresentação clara de procedimentos e aderência direta ao objetivo da pesquisa.

Após essa filtragem, 51 estudos foram descartados, por insuficiência de alinhamento



temático ou inconsistências metodológicas, a exemplo de:

- Estudos que não apresentavam relação direta com leitura digital, mediação familiar ou formação docente.
- Abordagens que apresentavam fragilidades metodológicas ou ausência de descrição clara dos procedimentos adotados.
- Considerava a leitura apenas como habilidade técnica, desconsiderando sua dimensão sociocultural.
- Não contemplavam políticas educacionais, currículo ou mediações pedagógicas.

Essa organização metodológica permitiu identificar convergências, tensões e lacunas na literatura, fornecendo subsídios consistentes para aprofundar o debate sobre práticas leitoras contemporâneas e orientar reflexões sobre ações pedagógicas e políticas educacionais futuras.

3. RESULTADOS e DISCUSSÃO

A partir da revisão da literatura, emergem três eixos centrais para a compreensão da formação do leitor na era digital: a mediação pedagógica, o papel da família e os desafios da leitura digital. Esses eixos não se configuram como dimensões isoladas, mas como instâncias interdependentes que, em conjunto, delineiam o modo como o sujeito contemporâneo se relaciona com o texto, com o conhecimento e com as tecnologias.

A mediação pedagógica, ao articular práticas de leitura críticas e contextualizadas, torna-se elemento fundamental para ressignificar o ato de ler diante da avalanche informacional típica do ambiente digital. Já o papel da família adquire relevância por constituir o primeiro espaço de estímulo e valorização da leitura, influenciando diretamente a disposição da criança para o engajamento leitor. Por fim, os desafios da leitura digital impõem a necessidade de repensar o conceito tradicional de letramento, ampliando-o para abranger competências interpretativas, éticas e tecnológicas indispensáveis à formação de leitores autônomos e críticos.



3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 A leitura na prática social

A leitura é uma prática social, cultural e cognitiva em constante transformação, que se redefine conforme as mudanças históricas e tecnológicas. Destaca Cosson (2009) que ler significa dialogar com o texto. O leitor não é um sujeito passivo, mas alguém que interpreta, questiona e reconstrói sentidos, mobilizando seu conhecimento prévio e suas vivências pessoais. Essa perspectiva ganha profundidade com a teoria sociocultural de Vygotsky (1991), quando a aprendizagem se dá por meio da interação social e da mediação de outros. É na zona de desenvolvimento proximal, esse espaço entre o que a criança já consegue fazer sozinha e o que pode realizar com ajuda, que a leitura se constrói como prática compartilhada. Assim, torna-se evidente que ninguém se torna leitor isoladamente, são os mediadores: professores, familiares, colegas que impulsionam esse processo, criando condições de avanço e ampliação de repertório.

Nos últimos anos, com a chegada e expansão das tecnologias digitais, a leitura passou por transformações profundas. Hoje, não basta dominar o texto impresso; é preciso aprender a lidar com linguagens múltiplas, presentes em vídeos, imagens, hiperlinks e outros recursos multimodais. Afirmar Moran (2015) que a leitura digital não é apenas decodificação de palavras em telas, mas um processo mais amplo, que exige do leitor capacidade de conectar informações dispersas, avaliar criticamente fontes diversas e construir significados em meio à sobrecarga informacional.

Contudo, essa nova realidade também apresenta perigos. Segundo Wolf (2019) ao se referir à leitura digital, a qual pode levar à dispersão da atenção, pois o conteúdo é frequentemente consumido de maneira rápida e superficial. A experiência de leitura, nesse contexto, tende a ser fragmentada, cheia de pausas e com dificuldade em manter a concentração. Diante desse desafio, a escola enfrenta uma nova missão, a de orientar o leitor moderno a equilibrar os benefícios da leitura digital, como o acesso a diversas formas de expressão, com a importância do aprofundamento, da análise crítica e do foco.

É nesse ponto que a família torna-se fundamental. Afirmar Bamberger (2000) que o contato precoce com livros, aliado ao exemplo dos pais como leitores, desperta



o prazer pela leitura e constrói uma base sólida para o desenvolvimento de habilidades futuras. Não se trata somente de oferecer livros, mas de criar uma atmosfera onde a leitura esteja presente como prática cotidiana, como gesto de cuidado e de partilha. Soares (2003) complementa essa ideia ao destacar que a leitura se constrói em espaços de interação significativos. Assim, ler em família é também dialogar, trocar experiências e, ao mesmo tempo, desenvolver autonomia e criticidade.

Nesse sentido, atitudes simples podem ter efeitos duradouros: contar histórias antes de dormir, visitar bibliotecas, conversar sobre notícias ou simplesmente demonstrar entusiasmo ao ler um livro são gestos que comunicam à criança que a leitura é um valor, um caminho de descoberta e prazer. Bem como Leite; Fernandes (2014a) ressaltam que o estímulo à leitura em casa fortalece laços afetivos, amplia o repertório cultural e prepara o estudante para experiências escolares mais ricas. Acrescentam Roque; Canedo (2015) o contato precoce com livros e narrativas favorecem o pensamento crítico, a oralidade e a interpretação de textos, contribuindo para a formação de leitores mais reflexivos e confiantes.

A escola tem papel essencial na ampliação do repertório e na mediação das práticas leitoras. Compete ao educador fomentar o engajamento ativo dos discentes, mobilizando práticas dialógicas e atividades de interpretação que favoreçam a elaboração reflexiva e o desenvolvimento do pensamento crítico. E essa comunicação desencadeia a necessidade de uma parceria entre família e escola para potencializar a formação leitora. Afirma Lopes (2014) quando ambos os espaços caminham juntos, as crianças encontram um ambiente de estímulos contínuos e coerentes. Projetos integrados como rodas de leitura, clubes de livros ou eventos literários que envolvam pais e estudantes, ampliam os horizontes e fortalecem vínculos. Dessa maneira, a inclusão de tecnologias demanda uma supervisão atenta, justifica Kenski (2013a), que precisa haver a devida condução, as ferramentas digitais correm o risco de se tornarem meras distrações, em vez de fontes valiosas de aprendizado.

Ainda assim, o caminho apresenta desafios. As disparidades sociais restringem o alcance de vários lares a livros, acervos e ferramentas digitais. De acordo com Leite; Fernandes (2014b), tal cenário afeta de maneira clara a capacidade de leitura, produzindo diferenças de progresso entre jovens de distintos panoramas sociais e econômicos. Ademais, diversos responsáveis não se veem aptos a exercer a função de



incentivadores da leitura, sobretudo frente às novas exigências impostas pelo universo digital. Em análise Romaní (2010) defende que o aprendizado da leitura deve ser encarado de modo crítico e independente, o que requer amparo também aos núcleos familiares, para que consigam intervir de forma efetiva no aprendizado.

Nesse cenário, as políticas públicas desempenham papel estratégico. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) reconhece a leitura como prática social, interdisciplinar e multissemiótica, ao mesmo tempo em que estabelece a necessidade de desenvolver competências críticas e argumentativas em estudantes. Já o Plano Nacional de Educação (PNE) e as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) reforçam que a leitura deve ser entendida como um direito, devendo ser garantida de forma equitativa a todos, independentemente da origem social. Esses documentos evidenciam que formar leitores é uma responsabilidade coletiva: família, escola e Estado devem atuar em sintonia.

Um aspecto igualmente crucial nessa discussão é o desenvolvimento contínuo dos educadores. Salienta Kenski (2013b) em que a mera existência de tecnologias não assegura progresso no ensino. Para que a interpretação digital se converta em um ambiente de aprendizado valioso, é fundamental que o professor esteja apto a mesclar ferramentas técnicas com as atividades de ensino. A mediação docente deve ser investigativa e orientada a relacionar textos e contextos, estimulando a problematização e a construção de significados pelos estudantes. Essa prática exige formação contínua e alinhada às demandas atuais da sala de aula.

Além disso, não podemos desconsiderar o cenário atual de excesso de informação. Advertem Moran (2012); Wolf (2019), o excesso de estímulos digitais pode prejudicar a qualidade da leitura, originando práticas rasas e desconcentradas. Esse problema torna crucial o desenvolvimento de abordagens que auxiliem os estudantes a discernir informações, escolherem conteúdos importantes e fomentar uma leitura analítica e ponderada. A escola, nesse sentido, possui a função de converter as distrações digitais em chances de aprendizado.

Assim, a leitura no século XXI deve ser compreendida a partir de uma tríade essencial: a família, que inicia e afeta emocionalmente o percurso leitor; a escola, que organiza, amplia e promove o pensamento crítico; e as políticas públicas, que asseguram equidade e continuidade. Quando esses três elementos se articulam, é



possível construir leitores preparados para os desafios de uma sociedade hiperconectada, marcada pela velocidade da informação, pela diversidade textual e pela necessidade de posicionamento crítico. Mais do que uma técnica, a leitura se afirma como prática de cidadania e de emancipação, capaz de formar sujeitos conscientes, reflexivos e ativos no mundo contemporâneo.

A leitura, nesse contexto, precisa ser vista para além da competência escolar, mas como direito humano e prática de cidadania. Quando a criança aprende a ler criticamente, ela não só compreende textos, mas também o mundo à sua volta, tornando-se capaz de interpretar informações, questionar discursos e participar ativamente da sociedade. Assim, Freire (1989) nos recorda que “ler é reescrever o mundo”, indicando que o leitor não apenas recebe informações, mas as transforma com base em suas vivências e senso crítico. Assim, a leitura se torna um meio de libertação e de desenvolvimento de cidadãos independentes.

Entretanto, para que essa educação se concretize por completo, é fundamental superar os desafios ainda presentes. A desigualdade social, por exemplo, segue sendo um grande obstáculo. Muitas crianças têm pouco ou nenhum contato com livros em casa, bibliotecas boas ou ferramentas digitais que poderiam enriquecer sua experiência com a leitura. Por outro lado, outras crescem rodeadas de diversas formas de expressão e estímulos culturais. Essa diferença gera condições de desenvolvimento muito desiguais, mostrando que o direito à leitura ainda não é garantido igualmente a todos. Nesse cenário, a importância da escola e das políticas públicas é enorme: fornecer materiais, projetos de incentivo, e locais de leitura que facilitem o acesso e aproximem os alunos do hábito de ler.

Outro aspecto que merece destaque é a necessidade de tornar a leitura uma prática prazerosa e significativa. A imposição de leituras obrigatórias, quando desvinculada da realidade e dos interesses dos estudantes, pode transformar o ato de ler em uma atividade mecânica, desprovida de sentido. Por isso, cabe à escola buscar estratégias criativas, que valorizem tanto os clássicos literários quanto os textos que fazem parte do cotidiano dos jovens, como revistas, quadrinhos, notícias digitais, blogs ou até produções autorais dos próprios estudantes. Essa diversidade textual, ao ser legitimada no espaço escolar, aproxima a leitura do universo do estudante, reforçando a ideia de que ler é uma atividade viva, ligada às experiências sociais.



Além disso, é fundamental considerar a dimensão afetiva da leitura. Contar histórias em família, ler coletivamente em sala de aula ou criar momentos de silêncio e contemplação diante de um texto são experiências que envolvem emoção e memória. Essas práticas favorecem não somente o desenvolvimento cognitivo, mas também a construção de laços de pertencimento e identidade. Como afirmam Leite; Fernandes (2014), a leitura partilhada amplia repertórios culturais e, ao mesmo tempo, fortalece vínculos, revelando-se uma prática que une razão e sensibilidade.

Em última análise, a educação dos leitores atualmente deve ser vista como uma responsabilidade compartilhada. Família, escola e governo possuem funções que se completam, mas que dependem umas das outras, e que ganham força ao trabalharem em conjunto. A família introduz o gosto pela leitura, a escola aprimora e organiza, e as ações governamentais asseguram que todos possuam o que é preciso para que esse gosto se desenvolva.

3.2 A leitura como prática social

Entender a leitura significa vê-la como um diálogo dinâmico entre quem lê e o que está escrito, moldado por momentos históricos, costumes e pela sociedade, que dão forma ao seu propósito e valor. Para Cosson (2009), ler é mais que identificar letras; é um ato de interpretação e criação, onde o leitor dá sentido baseado em suas vivências, no que já sabe e no ambiente ao seu redor. Essa ideia se conecta com a visão de Vygotsky (1991) que enfatiza como a interação social é crucial para o desenvolvimento do pensamento.

De acordo com ele, habilidades complexas como ler e escrever nascem da troca social e do uso de ferramentas culturais, como a própria escrita. Assim, aprender a ler não é algo feito sozinho, mas com a ajuda de pais, professores e amigos, que oferecem apoio na construção do significado.

O autor também destaca a ideia de zona de desenvolvimento proximal (ZDP), que mostra a diferença entre o que o aprendiz consegue fazer sem ajuda e o que pode alcançar com apoio. Isso mostra o quão importante é esse auxílio para melhorar a leitura. Essa assistência pode vir tanto da escola quanto da família, revelando a natureza social e colaborativa do desenvolvimento de um leitor.



A concepção contemporânea de texto transcende a noção restrita de um simples arranjo linguístico e passa a ser compreendida como um objeto complexo de natureza social, cognitiva e interacional. Ler e produzir textos, portanto, não se limitam ao domínio das estruturas gramaticais, mas exigem a mobilização de múltiplos saberes: linguísticos, culturais e situacionais, que se articulam no processo de construção de sentidos. O texto é, assim, uma forma de ação social e de manifestação do pensamento, em que o sujeito expressa sua visão de mundo e interage com o outro em diferentes contextos comunicativos. Para Koch; Elias (2016) não basta o conhecimento da língua, é preciso também considerar conhecimentos de mundo, da cultura em que vivemos e das formas de interagir em sociedade.

Dessa maneira, o professor deve incentivar a participação ativa dos alunos em atividades de compartilhamento de saberes e interpretações, o texto enfatiza a dimensão dialógica da aprendizagem, na qual o conhecimento é produzido coletivamente e ressignificado no contexto da prática pedagógica. A mediação docente, nesse sentido, não é mera transmissão, mas uma ação intencional e reflexiva, que cria condições para que o estudante se torne autor de suas próprias interpretações e coautor na construção coletiva do conhecimento. Afirma Silva (2018), a ação pedagógica permite compartilhar seus conhecimentos e pensamentos com os demais alunos e com o professor e, assim, juntos, possam atribuir novos significados ao texto.

3.3 Leitura na era digital: desafios e transformações

Moran (2015a) explica que ler textos digitais não é somente substituir o livro impresso, mas ampliar as possibilidades de comunicação, já que o leitor lida com diferentes formas de linguagem, texto, imagem, som e vídeo, e constrói significado ao interagir com esses elementos.

Em contrapartida, essa nova conjuntura acarreta desafios relevantes, como o desenvolvimento de um letramento digital crítico. Isso implica saber transitar pelas informações disponíveis na internet, ponderar sobre a sua credibilidade e compreender as táticas que os meios digitais empregam para influenciar o leitor. Moran (2015b) salienta que a instituição escolar necessita capacitar indivíduos que não



somente absorvam conteúdo, mas que também consigam produzir e questionar, utilizando as TICs como ferramenta integrante do processo de aprendizagem. Afirma Marcuschi (2021), que diante desse cenário, a leitura deixa de ser uma ferramenta de construção do conhecimento e se transforma em um ato passivo de consumo de informações. Santaella (2024) considera que apesar de facilitar o acesso inicial, isso também restringe a complexidade do argumento e a profundidade da reflexão.

Wolf (2019) apresenta uma perspectiva mais cética sobre como as tecnologias digitais podem influenciar o cérebro do leitor. A autora observa que a exposição contínua de informações velozes e fragmentadas pode fomentar uma leitura superficial, comprometendo a capacidade de concentração prolongada e a reflexão aprofundada. Para ela, a educação deve buscar alternativas para estimular uma leitura mais atenta e perspicaz, aprimorando aptidões que auxiliem à análise e síntese de informações, algo essencial para participar ativamente como cidadão em uma sociedade rica em informações. Logo, Gomes e Cavalcante (2023) enfatizam a necessidade de incluir práticas de letramento digital no currículo escolar, para assim, promoverem atividades que desenvolvam essas capacidades de forma crítica e reflexiva.

Nesse sentido, é crucial que o aprendizado da leitura adote métodos que incentivem a avaliação ponderada das plataformas online. Iniciativas como trabalhos em grupo, criação de páginas na internet, programas de áudio ou críticas online, podem familiarizar os alunos com a forma de expressão atual, mantendo a capacidade de compreensão. Desse modo, o emprego das tecnologias da informação deve seguir objetivos educacionais bem definidos, unindo satisfação visual, pensamento crítico e originalidade, impedindo a aceitação irrefletida de dados e incentivando estudantes participativos e inventivos. Portanto, Santaella (2024) destaca ao explorar diversas fontes, confrontar dados, escolher conteúdos e ponderar sobre o que leem, os leitores cultivam competências essenciais para a convivência social. A abordagem propõe uma reflexão sobre a leitura como prática social, cultural e tecnológica em constante reinvenção, ressaltando a importância de intervenções pedagógicas planejadas e contextualizadas, capazes de assegurar aprendizagens significativas e conectadas às demandas cognitivas e sociais da contemporaneidade.



3.4 O papel fundamental da família na formação leitora

Compreender a formação leitora exige reconhecer que o ato de ler não se reduz a uma habilidade técnica, mas se inscreve em práticas culturais que se constroem na convivência e na interação cotidiana. Destaca Soares (2003), “a leitura é um costume social construído coletivamente, e o ambiente familiar é essencial nesse processo”. Sua função vai além do apoio material, abrangendo o incentivo à curiosidade, a conversa sobre os textos e a participação em atividades que estimulem o envolvimento com a leitura. Contudo, a autora também observa que a crescente presença dos dispositivos digitais no cotidiano familiar pode tanto ajudar quanto atrapalhar o hábito de ler, dependendo da forma como os pais ou responsáveis conduzem essa questão.

Desse modo, compreende-se que a família, ao mediar o uso das TICs, transforma o ambiente doméstico em espaço de letramento expandido, onde a leitura física e a virtual coexistem e se alimentam mutuamente. Nesse contexto, o ato de ler deixa de ser uma prática individual e linear, tornando-se uma experiência social, afetiva e colaborativa, marcada pela circulação de saberes e pela coautoria de pais e filhos. Essa articulação entre leitura, tecnologia e intergeracionalidade projeta um novo paradigma de letramento familiar, no qual o conhecimento é construído em rede, e a leitura torna-se o eixo estruturante de uma aprendizagem contínua e compartilhada.

A contemporaneidade impõe à educação o desafio de compreender a leitura como uma prática híbrida, construída na intersecção entre o impresso e o digital, entre a escola e a família. Nesse cenário, a mediação familiar emerge como dimensão essencial da formação leitora, não mais restrita ao incentivo tradicional do hábito de leitura, mas ampliada para abarcar o domínio e sua integração às práticas cotidianas de aprendizagem. Esclarecem Pretto; Bonilla (2022) que essas ações voltadas à abertura do diálogo e ao estreitamento de vínculos ganham ainda mais força na utilização de tecnologias digitais, que trazem novas formas de fazer, aprender, interagir, ser e estar em sociedade. De acordo com Gouveia; Siqueira; Mól (2022), os recursos tecnológicos digitais se transformaram em valiosos canais de interação e aproximação entre família/escola cujo propósito é a aproximação das partes



envolvidas, e o interesse pela aprendizagem.

E a consolidação de uma cultura leitora depende da articulação entre os diferentes agentes que compõem o processo educativo, sobretudo a família e a escola, cujas ações convergem para o desenvolvimento integral do sujeito. A leitura, concebida como prática social e cognitiva demanda um ambiente de estímulo contínuo, no qual o vínculo afetivo, o diálogo e a mediação pedagógica atuam como elementos estruturantes da aprendizagem. Nessa perspectiva, a promoção de hábitos de leitura compartilhada no contexto familiar contribui para a formação de leitores autônomos e críticos. A construção de uma comunidade leitora acontece a partir da integração entre o espaço doméstico e o escolar, sustentada por práticas colaborativas que valorizem a partilha de saberes, experiências e significados. Portanto, o envolvimento consciente da família como intermediária é essencial para equilibrar o uso das tecnologias e fomentar práticas de leitura que sejam ao mesmo tempo relevantes e reflexivas, garantindo que as crianças não sejam meras espectadoras, mas sim participantes ativas da cultura escrita.

3.5 A mediação pedagógica e a formação docente

No contexto escolar atual, a mediação pedagógica desempenha um papel essencial para formar leitores críticos e independentes, especialmente diante dos desafios trazidos pela cultura digital. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) orienta que o ensino da leitura deve ser contínuo e estar presente em todas as áreas e etapas da Educação Básica. Essa visão amplia o conceito tradicional de leitura, incluindo variados gêneros textuais, suportes físicos e digitais, linguagens multimodais, além de valorizar o pensamento crítico e a autoria desde os primeiros anos da escola. Isso exige dos professores uma reformulação de suas práticas, para integrar as tecnologias digitais de forma eficaz, reconhecendo e valorizando a diversidade textual e cultural dos alunos.

Conforme Moran (2015) a formação continuada dos professores é essencial para que atuem como mediadores eficazes. Nessa função, o professor deixa de ser um mero transmissor de conteúdo, tornando-se um orientador das experiências de leitura. Isso implica selecionar e organizar recursos digitais e tradicionais de forma planejada,



estabelecendo conexões entre o universo social, cultural e tecnológico dos estudantes e as demandas cognitivas da leitura. O docente assume o papel de facilitador do conhecimento, promovendo um ambiente que estimule a participação ativa, o questionamento e a autoria, fomentando o pensamento crítico e criativo dos estudantes. Para as autoras Fernandes; Oliveira (2023), as escolas precisam ter um espaço que impulse o pensamento e a curiosidade dos estudantes, onde eles poderão expressar explorar, questionar.

A mediação eficaz precisa também lidar com os desafios da leitura digital, que é fragmentada, multimodal e permeada por estímulos que podem dispersar a atenção. Enquanto Wolf (2019) aponta que o maior desafio da educação atual é formar leitores que consigam manter o foco, realizar uma leitura profunda e desenvolver habilidades críticas para navegar de forma consciente e ética pelo vasto mundo digital. Para isso, as estratégias pedagógicas devem incentivar práticas que ultrapassem a simples decodificação, promovendo o engajamento emocional e cognitivo com os textos e a produção de sentidos pessoais e coletivos. Para Tavares (2023a) a literatura quando mediada pela tecnologia digital, apresenta um potencial significativo para enriquecer a experiência literária, além de se configurar como um recurso pedagógico à prática docente

Na prática, essa mediação inclui atividades que combinam leitura, análise crítica e criação em diversos formatos, como debates, resenhas, projetos colaborativos, produções multimodais, uso de ferramentas digitais interativas e leituras compartilhadas. O estudo de Tavares (2023b) enfatiza ainda que o ensino de leitura em ambientes digitais demanda uma abordagem crítica que forme leitores capazes de compreender a multiplicidade de linguagens e seus significados. A mediação precisa respeitar as particularidades dos alunos, seus interesses e ritmos, integrando o potencial das tecnologias com a profundidade da leitura tradicional.

Por fim, a mediação pedagógica na cultura digital deve ser vista como um processo contínuo e dialógico, que envolve não só o professor, mas toda a comunidade escolar, incluindo famílias e outros agentes educativos. Essa atuação conjunta fortalece a formação do leitor, preparando cidadãos críticos, conscientes e aptos a enfrentar as rápidas mudanças tecnológicas, culturais e sociais do mundo contemporâneo.



O aprimoramento constante dos educadores precisa abranger, para além da proficiência no manuseio de recursos digitais, uma análise ponderada acerca do potencial e das restrições pedagógicas que eles impõem. O objetivo não é meramente instruir sobre o uso de plataformas ou aplicativos, e sim assimilar de que maneira as tecnologias viabilizam ações de leituras dinâmicas e em grupo. Sendo assim, é fundamental que a instituição de ensino proporcione ambientes de teste e de compartilhamento de vivências entre os professores, estimulando o aproveitamento inventivo das TICs na mediação da leitura e na produção de sentido pelos estudantes.

3.6 A articulação entre escola e família como condição para o sucesso da formação leitora

A formação leitora na contemporaneidade tem exigido uma ampliação das reflexões sobre os papéis desempenhados pela escola e pela família diante de um cenário profundamente marcado pelas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs). Abre-se uma janela para que a aprendizagem deixe de ser concebida apenas como recepção e passa a evidenciar processos de participação, interação, autoria, e oportunidades de otimização dos ambientes conectivos.

Assim como os autores Evangelista; Oliveira; Barbosa (2020a) exteriorizam que a educação contemporânea vem se reformulando em termos de discursos, roupagens, práticas e ideias, visando atender às demandas que emergem a partir dos novos comportamentos. Os estudantes, cada vez mais imersos em tecnologias digitais, constroem novas formas de se relacionar com o conhecimento, com o outro e consigo mesmos. Esses modos de ser e agir repercutem diretamente sobre o papel da leitura e sobre a necessidade de práticas pedagógicas que se adequem aos desafios da cultura digital. Para Moran (2015) transformar a escola implica rever finalidades, metodologias, organização curricular, de modo que a aprendizagem se torne significativa e conectada à vida dos estudantes.

No âmbito familiar, essa transição exige corresponsabilidade na formação leitora. As famílias ocupam o papel fundamental de monitorar e orientar os ambientes conectivos em que seus filhos navegam e ao mesmo tempo em que incentivam práticas de leitura em suportes tradicionais e digitais. Essa dupla função de



acompanhar e estimular fortalece o vínculo entre modos de ler, pesquisar, interpretar e refletir, permitindo que filhos desenvolvam o que Wolf (2019) denomina um “cérebro leitor bilíngue”, capazes de transitar entre o papel e a tela com profundidade cognitiva.

Dessa maneira, espera-se que as práticas pedagógicas ampliem o gosto pela leitura, promovam situações de mediação ativa e façam uso de diferentes estratégias de leitura compartilhada, inferência, comparação e análise crítica. Diante disso, os estudantes se envolvem em ambientes de interatividade/ hipertextualidade, a partir de fontes interpretativas entre textos, contextos e suas próprias experiências. Enfatiza Saveli (2018) que o sentido da leitura nasce das interações mediadas e intencionais entre professor, estudante e texto, sobretudo quando o ambiente incorpora múltiplos gêneros e linguagens.

E nessa multiplicidade da linguagem corroboram Evangelista; Oliveira; Barbosa (2020b) ao analisar que muitos jovens não dispõem de orientação crítica sobre o uso das tecnologias e, por isso, não deve sofrer limitações em suas vidas sociais, econômicas, científicas em função do uso das novas tecnologias. Para que esse cenário não comprometa o direito à aprendizagem, é essencial que a escola avance para além do modelo tradicional de transmissão e memorização. Como alerta Medeiros (2014), a escola precisa reconhecer que o letramento digital não é uma competência complementar, mas estruturante para a formação cidadã moderna.

Desse modo, a profissão docente torna-se eficaz ao buscar novos caminhos e estratégias de mediação capazes de responder aos desafios impostos pela cultura digital. Isso implica formação continuada, domínio pedagógico das tecnologias, atualização metodológica e capacidade reflexiva para integrar leitura crítica, digital e multimodal. A Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018) reforça essa perspectiva ao afirmar que a leitura, em suas múltiplas materialidades, constitui competência fundamental para a participação social e para o exercício pleno da cidadania.

Entretanto, essa articulação entre escola e família somente se efetiva quando as políticas educacionais reconhecem a importância de currículos sensíveis e equipes pedagógicas atuantes na mediação dos percursos formativos às transformações sociotécnicas. Urge destacar a importância de orientar as famílias sobre a leitura compartilhada, a seleção de conteúdos digitais de qualidade e o acompanhamento do



uso das tecnologias pelos filhos.

A construção de leitores críticos, criativos e responsáveis exige, assim, a soma de esforços: famílias que monitoram e incentivam; escolas que planejam, mediam e inovam; docentes que investigam, pesquisam e se formam continuamente; políticas públicas que garantem condições estruturais e pedagógicas.

Portanto, compreender a leitura como prática social, cultural e tecnológica é reconhecer que o sucesso da formação leitora depende da potência que emerge dessa articulação. Nesse contexto, escola e família, formam a base necessária para que os estudantes desenvolvam competências leitoras, capazes de sustentar a participação crítica, criativa e ética em uma sociedade em constante transformação.

4. CONCLUSÃO

A formação leitora constitui um fenômeno sociocultural complexo, definido pela ação integrada de instâncias mediadoras que orientam e refinam as práticas de leitura. Reconhecê-la como prática social, compreende-se que ela ultrapassa os limites da decodificação mecânica para ampliação de repertórios, a fim de fortalecer a autonomia intelectual dos sujeitos.

A discussão sobre a leitura na era digital revela que os ambientes hiperconectados reconfiguram profundamente os modos de atenção, fruição e circulação dos textos. Essa fluidez dos conteúdos soma-se a velocidade com que narrativas são consumidas e a multiplicidade de linguagens digitais demanda competências ampliadas, que envolvem desde a leitura crítica de algoritmos, até a interpretação multimodal de textos híbridos. Tais transformações, longe de anular a literatura impressa, impõem o compartilhamento entre o tradicional e o tecnológico, exigindo que o leitor transite de forma lúcida entre diferentes ecossistemas discursivos.

Nesse cenário, a família reafirma-se como núcleo inaugural das experiências leitoras, configurando um ambiente afetivo-cultural decisivo para que a criança desenvolva vínculos profundos com a leitura. A presença de práticas de leitura compartilhada, a disponibilidade de modelos leitores e o incentivo cotidiano à curiosidade intelectual operam como forças estruturantes na constituição do sujeito-leitor. A família, portanto, não atua apenas como apoio, mas amplia a função



construtora de conhecimento da escola

Visto que a atuação do professor, especialmente aquele continuamente engajado em processos formativos, torna-se o eixo articulador entre saberes, metodologias e tecnologias. A formação continuada, quando orientada por perspectivas críticas e inovadoras, capacita o docente a lidar com a complexidade dos textos, a integrar metodologias plurais e a criar experiências leitoras que desafiam, mobilizam e ampliam os espaços de memórias dos estudantes. Assim, o professor deixa de ser mero transmissor para tornar-se curador de percursos formativos, designer de experiências e mediador cultural qualificado.

Entretanto, nenhuma dessas dimensões alcança sua plena eficácia sem a adequação curricular e o compromisso das políticas educacionais. Currículos sensíveis às práticas culturais contemporâneas, alinhados à diversidade sociocultural e às necessidades de alfabetização digital, tornam-se instrumentos estratégicos para garantir equidade de acesso e profundidade formativa. Do mesmo modo, políticas públicas que assegurem recursos, programas de incentivo à leitura, infraestrutura tecnológica e formação docente contínua constituem o alicerce institucional para a consolidação de ecossistemas leitores vibrantes e sustentáveis. Assim, a articulação orgânica entre escola e família não é um complemento eventual, e sim, uma condição indispensável à efetividade da formação leitora.

Por fim, a escola, ao enfrentar de modo consciente a complexidade do processo formativo, viabiliza não apenas a conclusão qualificada do ensino fundamental, mas também a continuidade da trajetória acadêmica. Nesse percurso, ela forma estudantes intelectualmente mais exigentes, capazes de se afirmarem como leitores críticos.

5. REFERENCIAS

BAMBERGER, R. **Como incentivar o hábito da leitura**. 18. ed. São Paulo: Ática, 2000.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2009.

EVANGELISTA, Rodrigo Leite; OLIVEIRA, Camila Dias de; BARBOSA, Ellen Francine. Aprendizagem móvel e REA: tecnologias na educação, democratização e acesso ao conhecimento. Anais dos Trabalhos de Conclusão de Curso - Pós-Graduação em Computação Aplicada à Educação Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação.



Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. Disponível em: https://especializacao.icmc.usp.br/documentos/tcc/rodrigo_evangelista.pdf. Acesso em 20 jun. 2025.

FERNANDES, Geuciane Felipe Guerim; OLIVEIRA, Katya Luciane de. **Estratégias de leitura para a infância: O que as pesquisas dizem?** Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara, v. 18, n. 00, e023031, 2023 e-ISSN: 1982-5587. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v18i00.17061>

FREIRE, Paulo. **A importância do ato e ler**. Autores Associados: Cortez, São Paulo, 1989.

GOMES, Juliana S. & CAVALCANTE Filho, Urbano. **Leitura e formação do sujeito leitor na era digital**. Revista Humanidades & Inovação, v. 10, n. 11, 2023.

GOUVEIA, Igaro Guimarães; SIQUEIRA, Ana Paula Legey de; MÓL, Antônio Carlos de Abreu. **A interação entre famílias e escola por meio de mídias digitais: o caso de uma escola pública do município do Rio de Janeiro**. Revista Educação Pública, v. 22, nº 16, 2022.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. 6. ed. Campinas: Papyrus, 2013.

KOCH, Ingedore G. V.; ELIAS, Vanda M. **Escrever e argumentar**. São Paulo: Contexto, 2016.

LEITE, C.; FERNANDES, P. **Avaliação, qualidade e equidade**. Avaliação, v. 19, n. 2, p. 421-438, jul. 2014.

LOPES, E. M. T. **A leitura e o desenvolvimento da autonomia**. Cadernos de Educação, Pelotas, v. 43, p. 112-125, 2014.

MALINOSKI, J. **Família e escola: caminhos da leitura**. Curitiba: Appris, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2021.

MEDEIROS, C. A. **Letramento e novas tecnologias: um desafio para a escola**. Revista Educação e Linguagem, v. 17, n. 2, p. 45-58, 2014.

MORAN, J. M. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. Campinas: Papyrus, 2012.

_____. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. Campinas: Papyrus, 2015.

PRETTO, Nelson de Luca; BONILLA, Maria Helena Silveira. **Tecnologias e educações: um**



caminho em aberto. Em Aberto, Brasília, v. 35, n° 113, p. 141-163, 2022.

ROMANÍ, C. **Família e tecnologias: desafios da contemporaneidade.** São Paulo: Cortez, 2010.

ROQUE, Cássia Lina Bittencourt; CANEDO, Maria Luiza. **A importância do incentivo à leitura nos primeiros anos da infância.** 2015. Disponível em: www.puc-rio.br/ensinopesq/ccg/licenciaturas/pibid/download/seminario_pibid_sudeste_201510_cassia_roque.pdf. Acesso em: 20 jun.2025.

SAVELI, M. R. **Leitura na escola: mediação, práticas e sentidos.** Curitiba: Appris, 2018.

SANTAELLA, Lucia. **Letramento Digital.** São Paulo: Paulus, 2024.

SOARES, M. Letramento e escolarização. Revista Brasileira de Educação, n. 23, p. 5-15, 2003.

TAVARES, Josiele Vita da Silva. **Leitura literária em ambientes digitais: percepções docentes em relação ao uso de dispositivos digitais no ensino remoto.** 2023. 134 p.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WOLF, M. **O cérebro no mundo digital: os desafios da leitura na nossa era.** São Paulo: Contexto, 2019.